

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br



MEIO A MEIO

O corregedor do TCU (Tribunal de Contas da União), ministro Bruno Dantas, propôs a criação de uma cláusula que exija a paridade de gênero entre os membros da banca examinadora do próximo concurso de ingresso nas carreiras da corte.

REGIA Omeucarinho, que raramente aparece em igualdade de homens e mulheres, funcionaria como um pré-requisito para a contratação da empresa responsável pelo processo seletivo. O ministro não aduz que a proposta passe a valer em todos os futuros concursos do TCU.

PAUTAS Enquanto vice-presidente do tribunal, Dantas afirmou que temporadas de igualdade abalavam desgostos como assédio, igualdade de gênero e respeito à diversidade em seu ambiente de trabalho. "O TCU é uma instituição majoritariamente masculina, com apenas duas mulheres entre as autoridades da Casa", diz o ministro em ofício enciado à presidente da corte, Ana Arraes.

BÁSICO "Esse cenário contribuiu para que temas dessa natureza tivessem sido tratados com menor prioridade até pouco tempo, o que considero lamentável. O aumento da participação feminina no mundo do trabalho, além de proporcionadamente trazer benefícios para os resultados das organizações, é, sobretudo, questão de cidadania", segue Dantas.

EXEMPLO A agressão de ar quente e influenciadora Pamela Hollandado pelo DJ Isis, preso na quarta (14), e o caso de um garoto de Mirassóis Gerais que denunciou o abuso praticado por um amigo de seu pai após ver reportagem na TV fizeram com que o tema "educação sexual" fosse o mais discutido no Congresso, durante os dias 8 e 9 de julho. Os dados são da agência M&E.

O humorista Hélio de La Peña, a historiadora Caroline Sodré, a modelo Loo Nascimento e o fotógrafo Roger Góes apresentarão a série documental "Preta a Porter", do UOL, criada e dirigida por Rodrigo Pinto; a

avaliação que

tem estreia

prevista para

agosto, trará

entrevistas

com nomes

como Gilberto Gil, Carlinhos Brown e Icaro Silva

ANDRÉ LACERDA /

Divulgação

NOVOS ARES Atriz e ex-secretária da Cultura Regina Duarte dirá que toraria participar de uma novela da Record — ela rompeu contrato de mais de 50 anos com a TV Globo para entrar no governo Bolsonaro. "Claro que sim, por que não? Eu adoro as novelas da Record, acho que já têm uma qualidade consistente. Adoro os livinhos que todo dia nova bíblia é tudo, estou sempre com eles", afirma a atriz em resposta a um seguidor em uma rede social.

DE OLHO Adiretoria da Associação dos Servidores Públicos da Ancine (Aspac) considera o indeferimento de projeto de filme sobre o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva "indigno". "Revejamos qualquer interferência política na análise e aprovação dos projetos audiovisuais apresentados à Ancine", diz em nota.

VER O Tribunal de Justiça de SP suspendeu uma instrução normativa editada pela Secretaria Municipal de Educação de SP (Smec) que proibia aulas de arte das vagas em horários da rede pública, para além da capacidade de previsão, nas regras em que haver demanda e enquanto durar a epidemia.

SOB MEDIDA A decisão atende a uma ação do vereador Celso Giannuzzi (PSOL) e do deputado estadual Carlos Giannazi (PSOL-SP), contrários à medida. Eles afirmam que a suspensão evitaria a superlotação nas creches.

com Bruno B. Soraggi, Bianka Vieira e Victoria Azevedo

O fio da memória

Continuação da pág. C5

Demonstrando que liberto se sentisse digna de ser amada. Entre recreios de escola — marcados por gorgulhadas de estudantes e piadas racistas — e bales black juvenis, ela foi percebendo que seu incômodo não vinha de ser uma mulher negra, mas do que isso significava. "Cartas para Miráh An", segundo a autora, é "uma declaração de amor ao feminino".

"As nossas memórias, muitas vezes, tocam as pessoas de uma forma mais potente do que qualquer livro acadêmico", diz a ativista, usando como exemplo seu ensaio auto-biográfico incluído em "Quem Tem Medo do Feminismo Negro?", que saiu há três anos.

Quando publicou seu seu primeiro livro, formou-se em cartas que ela recebeu. A maioria assinada por leitoras negras que se diziam identificadas com angústias, traumas, conquistas e desejos al-expostos. Segundo a escritora, a juventude atual é muito mais engajada do que a

sua geração. Ela separamenta que é cada vez mais comum que discussões como preteritamento, soldado da mulher negra e objetificação desses corpos ganhem visibilidade.

Durante sua graduação em filosofia — que terminou em meio a críticas por deixar a fila, de três anos, sob cuidado único do pai na maior parte da semana — enquanto estudava em outra cidade, ela se sensibilizou com os estudos próprios professores ao querer pesquisar os assuntos pelos quais hoje é conhecida. Elas a chamavam de "a menina que não estudava filosofia pura".

"Hoje, há tese de doutorado sobre a soldado da mulher negra. Isto mostra diferença".

Quando decidiu que se dedicaria ao mundo acadêmico, a ativista se matriculou na faculdade de logística. "Fiz filosofia?" Viver teria que ver com brincar na praia para sobreviver", ouvia o chefe.

No livro, a escritora dissecou

ainda suas memórias sobre o luto através de uma perspectiva racial e de gênero. Pres-

sionada a não expressar sofrimento em demasia, das mortes de seus pais, a ativista atrelou o fato à sua condição de mulher negra.

"Quando a vida dei lamentos, faga uma limonada", ouvia de uma dirigente de centro-spi-rito acentuar desabafar sobre o luto que ela e os irmãos viviam enfrentando. O episódio parte do pressuposto de que pessoas negras têm uma menor capacidade de chorar.

"Eu sou mãe. Sou escritora. Falo longa. Achou que é importante ocupar esse lugar humanizado para que não criem espetáculos sobre mim", diz, enfatizando que "falar do que se tem vontade" é necessário para que quebrar o mito da força sobrenatural da mulher negra.

As vezes, estou tornando conversa e, na hora de escrever, quando aparece e dizer 'nossa, racismo é pesado'. Nessas horas, penso malha, mas hoje eu só queria tomar uma cerveja".

Cartas para Miráh An

Autora: Myriam Oliveira
Editora: Companhia das Letras. R\$ 34,90 (260 págs.). R\$ 23,90 (ebook).



A historiadora e ativista antirracista Beatriz Nascimento, no documentário "Ori". Agência Folha

Nova seleção de textos de Beatriz Nascimento humaniza historiadora

Obra da intelectual negra vítima de um feminicídio é um dos tesouros escondidos do pensamento social brasileiro

ANÁLISE

Tutu Chádilo

Intelectual e teórica de conhecimento na Universidade Federal

É tempo de novas percepções sobre olhares que já existiam, mas estiveram apagados. Tempo para vozes como a de Beatriz Nascimento.

Nascimento foi historiadora, professora, poeta e ativista antirracista. Contribuiu em muitos campos, inclusive em artes e culturas negras, com uma trajetória marcada pela pesquisa, ensino e participação no documentário "Ori", de Raquel Gerber.

Sua trajetória foi interrompida com apenas 49 anos, em 1995, por causa de um feminicídio, assassinada ao tentar defender uma amiga de um narrador de origem negra.

O livro "Uma História Feita por Mão Negra", com textos de Nascimento, organizado pelo pesquisador Alex Ratto, chega na hora certa.

Diferente do costume de fazer um percurso vidiado quando se resgatam trajetórias intelectuais, Ratto reorganiza a cronologia dos textos a partir de uma perspectiva de gênero. Ele propõe que os relacionamentos com a produção de Nascimento permaneçam integrados por meio de quatro eixos temáticos.

A organização segue uma lógica generosa de apresentação

tar um percurso de pensamento e produção, humanizando a trajetória imposta na autora. Beatriz Nascimento é um dos poucos exemplos de produção acadêmica mainstream sobre questões raciais e a história do povo negro.

A autora nos ensina sobre a necessidade de recompor teoria e metodologia para elaborar uma nova história do negro brasileiro, uma história que parte do cotidiano, e não da elite.

Ela propõe reflexões sobre quilombos dedicando um olhar não apenas à ideia de insurgência, mas principalmente de resistência, oferecendo a possibilidade de compreender o quilombo como um instrumento vigoroso para recuperação da identidade negra.

Por tudo isso, é tempo a vez, essa é a hora, de nos reconhecer e humanizar as posturas e contribuições como de Nascimento, Leila Gonzalez, Abdias do Nascimento, Guerrilha Ramo, Clóvis Moura, Sá Carneiro, enquantos inspiração de todos e todas, para construção do presente e do futuro. É tempo de escuta, inteligência e luta. São os tempos de Nascimentos.

Uma História Feita por Mão Negra

Autora: Beatriz Nascimento
Editora: Instituto Editora
R\$ 34,90 (272 págs.), R\$ 23,90 (ebook).